



Félix Inácio  
Economista

AS EMPRESAS  
CUJA ACTIVIDADES  
ECONÔMICAS GERAM  
MAIORES FLUXO DE  
CAIXA NA PRESENTE  
CONJUNTURA,  
TENDEM VIVENCIAR  
O TRADE OFF EM  
GESTÃO FINANCEIRA,  
LIQUIDEZ OU  
RENTABILIDADE

## GESTÃO FINANCEIRA DAS EMPRESAS ANGOLANAS

# O impacto das oscilações das variáveis macroeconómicas

O contexto actual da economia angolana, caracterizada pela forte exposição aos choques externos, quer do lado da procura relativamente a necessidade de consumo e aquisição de factores de produção, depende, exponencialmente, da importação, quer do lado da oferta referente à dependência à exportação de petróleo como catalizador na captação de divisas.

Esta situação exerce forte influência para o aumento da pressão ao recurso às reservas internacionais líquidas no aprovisionamento de divisas para garantir a cobertura de futura importação de bens e serviços, por conseguinte, evitar escassez de bens de consumo no país.

A conjugação de políticas monetárias, visando o controlo da inflação em Angola, remete a entidade governamental responsável pela condução da política monetária no país, o Banco Nacional de Angola, à utilização das reservas internacionais líquidas como âncora cambial. Porém, considerando o desequilíbrio prévio na balança de pagamento, onde na sua generalidade, existe um volume de necessidade de importação superior ao aprovisionamento de divisas por meio das exportações, essencialmente de petróleo em vendas futuras no mercado internacional, proporciona uma redução dos níveis de reservas internacionais líquidas no momento de efectivação das transacções em moedas estrangeira.

Concomitantemente, a redução dos níveis de reservas internacionais líquidas pressionam o descontrolo da âncora cambial. Todavia, a necessidade de garantir a cobertura das importações futuras, tendo em atenção os níveis de reservas internacionais líquidas, obriga-se o Banco Nacional de Angola à desvalorização da moeda local - o Kwanza - face à moeda forte de referência nas transacções comerciais internacionais. Nesta senda, nos mercados primário e secundário, de forma automática e sintomática, regista-se a subida natural da taxa câmbio.

A especificidade da economia angolana, a subida da taxa de câmbio produz efeito cascata sobre os preços de bens e serviços no mercado de factores de produção e bens de consumo, traduzindo-se, comumente, na subida da taxa de inflação.

De igual modo, o registo da subida da taxa de inflação leva o Comité de Política Monetária do Banco Nacional de Angola a rever em alta a taxa de juros, estando sempre acima da taxa de inflação.

As oscilações nas principais



variáveis macroeconómicas, como taxas de câmbio e inflação, representam um desafio a nível do panorama empresarial nacional, sobretudo na tomada de decisão na condução da gestão financeira corrente das empresas devido a necessidade de mensuração do grau de impacto das oscilações das respectivas variáveis macroeconómicas sobre as vendas bem como a análise da sua capacidade de influenciar na materialização do alcance dos resultados operacionais pretendido sem comprometer os objectivos das empresas ao longo de um exercício económico.

A conjuntura do ambiente de negócios marcado com desincentivo ao consumo por inerência da pressão exercida pela volatilidade das taxas de câmbio e de inflação, a montante as empresas cuja as actividades económicas são cíclicas, face ao modelo de gestão empregue na tomada de decisão estratégica, intermédia e operacional, reúnem condições a nível da sua envolvente contextual, para a inexistência de limites que estabelecem os padrões conducente à segurança financeira. E, deste modo, apresentam forte exposição ao risco económico de exploração. A jusante, as empresas cuja as actividades económicas são anticíclicas e os seus produtos e serviços apresentam elevada taxa de participação e crescimento no mercado, nasua generalidade, apresentam na sua envolvente transaccional vendas a gerar fluxo de caixa de forma célere com economicidade de recursos. Nesta situação,

recomenda-se aos decisores prudência na gestão financeira corrente, pautando por uma escolha entre a racionalidade na constituição de fundos para o aumento da liquidez, visando o alcance da segurança financeira de modo a mitigar os efeitos do risco económico de exploração ou na rentabilização de recursos financeiros mediante ao autofinanciamento em fundo maneio.

Outrossim, as empresas cujas actividades económicas geram maiores fluxo de caixa na presente conjuntura tendem a vivenciar o “trade off” em gestão financeira, liquidez ou rentabilidade.

Por um lado, a opção pela liquidez conduz à segurança financeira ante a pressão das oscilações das variáveis macroeconómicas sobre as vendas.

No entanto, a imobilização de fundos para o aumento da liquidez traduz em ineficiência no uso dos recursos financeiros, passando a existir a elevação da exposição ao risco de ser afectado pelo poder corrosivo da inflação, conduzindo desta forma a depreciação do valor aquisitivo do referido recurso financeiro imobilizado.

Paralelamente, por outro lado, a opção pela rentabilidade dos fundos gerado pelo fluxo de caixa proveniente das vendas de produto ou serviço com taxas de grande participação e crescimento no mercado, por norma, reduz a liquidez e abre perspectiva optimista na solidificação dos fundamentos financeiros de uma empresa, permitindo optar pela via da utilização de seus meios libertos líquidos para rentabilidade em investimen-

tos financeiros, gerando retorno em função do estudo dos riscos associado ao produto financeiro. E, também, viabiliza a criação de condições inerentes à robustez da sua autonomia financeira, permitindo a utilização de fundos para o autofinanciamento do seu ciclo operacional ou pode também desenvolver uma estratégia de diversificação e penetração em novos mercados por via da implementação de projecto de investimento de expansão sem recorrer a capitais alheios, mas utilizando o excedente dos seus meios libertos líquidos.

Portanto, o “trade off” em gestão financeira referente a dualidade de critérios nas escolhas entre liquidez e a rentabilidade na aplicação de fundos provenientes do fluxo de caixa das vendas, não obstante as oscilações das variáveis macroeconómicas, taxa de câmbio e taxa de inflação, requer uma gestão de fundos corrente, de forma prudente, face à volatilidade das referidas variáveis e a vulnerabilidade da economia angolana aos choques externos marcada, sobretudo, por ausência de “amortecedores” para reduzir o impacto das alterações que ocorrem no mercado internacional.

O equilíbrio parte do estudo permanente da natureza do risco económico de exploração para salvaguardar a segurança financeira, a gestão de prazos que permitem utilizar os meios libertos líquidos para autofinanciamento sem comprometer a segurança financeira, para rentabilizar os fundos para proteger do efeito depreciativo da inflação.